



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9140 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

RELAÇÕES LITERÁRIAS EM PRAÇA PÚBLICA: (DES)CAMINHOS DE UMA PESQUISA

Heloisa Josiele Santos Carreiro - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Cintia Lorangeira - UERJ/FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: UERJ

RELAÇÕES LITERÁRIAS EM PRAÇA PÚBLICA: (DES)CAMINHOS DE UMA PESQUISA

Resumo: O presente resumo apresenta os resultados parciais desenvolvidos por um projeto de iniciação científica que entende que a literatura deve ser parte dos direitos humanos como afirma Antonio Candido e, em diálogo com Freire, compreende que ela é parte das estratégias pedagógicas de uma educação que se assume envolvida com práticas de liberdade. O projeto se desafia mediar leitura em uma praça pública, para parte da população de uma cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro. Nesse contexto, a proposta apresenta reflexões e contradições vivenciadas pelas pesquisadoras envolvidas na aplicação de um instrumento investigativo, que buscava mapear a relação que os sujeitos da pesquisa tinham com a leitura e com a literatura.

Palavras-chave: Pesquisa em Contextos Urbanos; Intervenção Comunitária; Mediação literária; Iniciação Científica.

Introdução

O presente trabalho pertence ao campo dos estudos qualitativos e apresenta resultados parciais de um projeto de IC (Iniciação Científica) de um grupo de estudos e pesquisas de uma universidade pública. A proposta tem como ponto de articulação o trabalho de mediação literária, compreendendo que a literatura atua de forma libertadora no processo de formação humana em suas dimensões éticas, estéticas e de alteridade (TODOROV, 2009).

Muitos textos literários já nascem na forma escrita e podem estar em diálogos com eventos cotidianos (TODOROV, 2009) - mesclar fantasia e realidade ou recriar mundos, modos de ser, estar e viver que transcriem, transgridam, dialoguem com o mundo no qual nos encontramos e/ou com os contextos que nos são impostos por questões sociais, culturais, políticas e econômicas.

Considerando esses elementos que estão presentes na literatura, concordamos com Candido (2011) em reconhecê-la como parte dos direitos humanos, já que não é possível às

peças passarem vinte quatro horas do dia sem fabular, arquitetar mundos e possibilidades de melhor (sobre)viver aos micros e/ou aos macros desafios que se impõem às vidas cotidianas. Nesse sentido, afirmamos que garantir às crianças, jovens e adultos o contato com a literatura é trilhar parte dos múltiplos caminhos que nos levam ao desenvolvimento de uma práxis na qual a educação é um ato de liberdade (FREIRE, 2011).

Sabemos que quando falamos de direitos humanos no Brasil, ainda temos muito que lutar e que, em geral, essa é uma pauta cara aos movimentos sociais. Contudo, esse momento pandêmico, não vêm sendo favorável à qualquer causa social, especialmente no combate à propagação da Covid-19 e preservação da vida, motivo que vem desmobilizando movimentos, enquanto buscam respeitar o isolamento social empenhando-se por caminhos (menos incisivos) de atuação nas redes sociais.

Por isso, indagamos nos unindo às lutas pela vida: como lutar contra necropolíticas (MBEMBE, 2018) bem articuladas e mobilizadas a nos desumanizar? Como os movimentos sociais, o Ensino Superior e a Educação Básica podem pensar estratégias de atuação social nas redes sociais em uma pandemia para uma população sem acesso digital?

Nesse colapso pandêmico, ainda seguimos nos perguntando: que inéditos-viáveis (FREIRE, 2011) são possíveis criar para que nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão não paralitem totalmente e incluam o maior número de pessoas possíveis?

Embora, discutir a pandemia não seja nosso foco, são questões que nos atravessam cotidianamente e do nosso ponto de vista se articulam ao tema da 40ª ANPEd. Unimo-nos, inclusive, evidenciando as desarticulações produzidas pela pandemia. Unimo-nos quando assistimos indignadas a absurda impunidade e liberdade com que grileiros e madeireiros vem realizando queimadas, desmatamento e massacre de povos indígenas na Amazônia; e o colapso que sofreu o sistema público de saúde de Manaus, com a maneira descuidada e irresponsável que o governo enfrentou a crise na cidade, no estado, no país. Tais questões são ambientais, políticas, humanas, portanto, atravessam o campo da Educação.

Com tal contexto apresentado, entendemos a importância de reafirmar a literatura como direito humano (CANDIDO, 1989), em suas possibilidades de reinventar mundos, mas também evidenciá-los em seus problemas.

Esse texto apresenta e interpreta dados parciais da pesquisa, cuja proposta tem a preocupação em garantir a mediação literária como elemento que articula as seguintes perspectivas metodológicas: partimos de um estudo de cunho etnográfico (GEERTZ, 2008) com observação participante (DESHAIES, 1992), em uma intervenção comunitária (FREIRE, 1992). Buscamos, assim, estratégias de mediação de leitura em uma praça pública para parte da população de uma cidade da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Os dados de campo que trataremos para interpretação recortam os anos de 2018 e 2019, nos quais desenvolvemos questionários para investigar a relação dos sujeitos que interagem com o projeto, com a leitura e a literatura.

Investigando a relação com a leitura e a literatura dos “passantes” de uma praça

A pesquisa qualitativa de IC tem por objetivos: promover ações de mediação literária junto à comunidade avizinhada ao campus; mobilizar diálogos entre universidade e população local; ampliar o campo formativo de estudantes de graduação, promovendo experiências de compreensão do papel social da universidade em suas múltiplas dimensões: ensino, pesquisa e extensão.

Organizávamos a intervenção por meio da montagem de uma Tenda Literária:

estrutura coberta com mesas e esteiras expondo aproximadamente 500 títulos, com diferentes gêneros textuais, para públicos de diferentes idades; contendo também espaço para os “passantes” sentarem-se, a fim de deixá-los mais à vontade para explorar o acervo.

Mobilizavam as ações na praça a coordenadora e uma bolsista (IC/CNPq) e mais cinco estudantes voluntárias, que ficavam próximas à tenda convidando a população à exploração do acervo.

A Tenda Literária também acontecia em escolas públicas. Ao todo foram cinco vezes que conseguimos o deslocamento para as instituições, devido às complexidades logísticas: disponibilizávamos apenas de um carro e eram muitas bolsistas, além do acervo e estrutura da tenda, o que levava as bolsistas a viajarem de ônibus ao nosso encontro.

Após as mediações literárias, utilizávamos um questionário semiestruturado (DESHAIES, 1992), com o objetivo de perceber qual a relação que os sujeitos tinham com práticas de leitura e contato com a literatura. O instrumento de pesquisa era composto com dois blocos de questões: o primeiro de identificação e o segundo mapeando relação com leitura e literatura.

Ao total foram respondidos 75 questionários: 49 no espaço da praça e 26 nas visitas às escolas. Nas escolas era possível a utilização desse instrumento de pesquisa apenas nos sábados letivos. Mesmo assim sua realização era complexa, já que coincidia, invariavelmente, com outro tipo de celebração da instituição. Apesar desses desafios, conseguimos realizar uma quantidade de questionários significativa nas escolas, em relação à nossa atuação quinzenal na praça e a análise de menos de dois anos (2018^[1] e 2019) em ambos os trabalhos.

As mediações na praça pública, também trouxeram alguns elementos complexos que se incorporaram às nossas formações de pesquisa, especialmente, em contextos urbanos. Referimo-nos à uma pesquisa com intervenção comunitária (FREIRE, 1992), que sai dos muros da universidade e tem a cidade e sua população como interlocutoras. Interpretamos que tal movimentação foi extremamente desafiadora e nos trouxe muitas reflexões, desafios e aprendizagens. As observações variam, principalmente, sobre a mobilização de questionário na praça, trazendo as seguintes situações: algumas pessoas se interessavam pelos livros, mas não em responder o questionário; nossa tenda era montada próxima a um ponto de ônibus, então, os compromissos das pessoas se sobrepunham à sua curiosidade e experimentação, especialmente na conclusão do questionário.

Outro elemento que atravessou a realização dos questionários foi o constrangimento de algumas bolsistas em realizar as seguintes questões: raça e gênero. Em conversas formativas dialogamos que tais questões precisariam ser feitas para saber como os sujeitos se identificavam; mas a contra argumentação de algumas bolsistas era que, em determinadas situações, essas eram perguntas supostamente autoexplicativas - levando em conta os fenótipos das pessoas entrevistadas. Nesse sentido, entendemos que a questão tem inclusive elaboração equivocada ao trazer a ideia de generalização de raça (SANTOS et al., 2010). Acreditamos que se a pergunta fosse centrada na questão étnica, talvez pudesse deixar as estudantes mais à vontade, inclusive sendo uma oportunidade de mediação formativa. A questão relacionada à opção de gênero, também constrangiu algumas bolsistas na realização da indagação, quando elas *liam* as pessoas e *achavam/ intuía*m/ *acreditavam* que determinado sujeito revelava identificação com LGBTQIA+.

Voltando às questões formativas: como acreditar em nossas leituras que nasciam de um breve encontro com o outro? O quanto de equívocos e preconceitos estas leituras possivelmente carregavam em relação às questões relacionadas às culturas de gênero e o

modo como cada sujeito assume sua identidade? Afinal, há muitos elementos pessoais, culturais, psicológicos que envolvem a questão de gênero. E, cada vez mais os estudos sobre esta questão (LOURO, 2008) revelam a complexidade das dimensões históricas, políticas, sociais, emocionais e epistemológicas que estão em jogo na afirmação pessoal das identidades de gênero de cada pessoa. Logo, a leitura do *outro* atravessada por uso de roupas, cortes e estilos impressos no cabelo e movimentação corporal, não poderia de modo algum nos permitir dizer pelo *outro* sua identidade de gênero.

Ainda encontramos uma outra problemática na aplicação dos questionários: quando o respondente se assumia como analfabeto. Nesse caso, algumas bolsistas não davam continuidade em muitas questões sobre a relação com a leitura e a literatura. Diante disso, um novo eixo de formação se levantou ao grupo estudantil: o fato de uma pessoa ser analfabeta, não a exclui de ter relação com a literatura, considerando os múltiplos contextos que são desconhecidos por nós pelos quais ela circulava, somando-se a isso os diversos sujeitos com os quais interagiu. Muitos analfabetos conseguiriam ter contato com literatura, mesmo quando falamos de textos propriamente escritos. E, em concordância com os estudos de Calvino (1993) e Candido (2011), entendemos que as narrativas orais produzem o nascimento de literaturas. Podemos, ainda, considerar o contato que estas pessoas têm com as mídias, como caminhos atuais pelos quais a literatura pode lhe chegar, para além dos possíveis leitores presenciais que cercam sua vida cotidiana.

Muitas possibilidades formativas nasceram para todos os sujeitos envolvidos com essa pesquisa. Todavia, não deixamos de pensar e acreditar que a riqueza formativa está sobretudo na escolha do seu caminho: sair de dentro dos muros da universidade, pois a dinamização de uma pesquisa com intervenção comunitária (FREIRE, 1992) em contexto urbano é muito desafiadora. E fica uma questão: será que se estes sujeitos tivessem sido levados para dentro da universidade, as tensões, indagações e aprendizagens seriam as mesmas? Certamente, não, quando compreendemos que os espaços constituem e atravessam as relações, enquanto outra dimensão de leitura!

Considerações parciais: alguns dados dos questionários

Abarcando as múltiplas aprendizagens desse processo de pesquisa e dinamização de questionários, conseguimos sistematizar algumas informações para reconhecer a relação dos passantes com a leitura e a literatura, especialmente as que representaram um desafio às bolsistas da pesquisa. Sobre os 26 questionários desenvolvidos em escola obtivemos as seguintes informações: a) 15,2% dos sujeitos eram do sexo masculino, 61,5% feminino e 23,1% sem a indagação da pesquisadora; b) sobre a raça 26,9% responderam branca, 3,8% morena e 19,2% negra e, 50,5% foram *auto marcações* das estudantes por suas impressões; c) em relação a escolaridade 3,8% cursando Ensino Superior, 46,2% com Ensino Médio, 11% com Ensino Fundamental II incompleto e 11,5% com Ensino Fundamental I incompleto, deste último grupo, como 10 pessoas afirmaram ter cursado apenas primeiro e segundos anos tendo pouca relação com a escrita, a parte sobre a relação com a literatura não foi preenchida.

Quanto aos 49 questionários desenvolvidos na praça obtivemos as seguintes informações: a) 34,7% dos sujeitos eram do sexo masculino, 59,2% feminino e 6,1% sem a indagação da pesquisadora; b) sobre a raça 18,4% responderam branca, 34,7% parda, 30,6% negra e, 16,3% com *auto marcações* das estudantes por suas impressões; c) em relação a escolaridade 10,2% cursando Ensino Superior, 12,2% com Ensino Médio, 14,3% com Ensino Médio incompleto, 8,2% com Ensino Fundamental II e 20,4% com Ensino Fundamental I incompleto, deste último grupo, como 9 pessoas afirmaram ter cursado apenas primeiro e segundo anos tendo pouca relação com a escrita, a parte sobre a relação com a literatura não

foi preenchida, tal como ocorreu nas visitas à escola.

A produção de nossos dados, ao longo do desenvolvimento inicial dessa pesquisa foi atravessada por uma relação de muitas aprendizagens entre os sujeitos envolvidos em sua dinamização: estudantes de graduação iniciando-se como pesquisadoras e a professora pesquisadora do Ensino Superior com sua primeira pesquisa, oficialmente, fora do contexto exclusivamente escolar, desafiando-se a pensar a articulação entre a universidade, a população e a cidade como espaços do cidadão (SANTOS, 1996).

Referências:

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. SP: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, A. **O direito a literatura**. In: CANDIDO, A. Vários escritos. São Paulo: Ouro Sobre o Azul, 2011.

DESHAIES, B. **Metodologia da investigação em ciências humanas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 10ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições, V. 19, n. 2 (56) pp. 17-23, maio/ago. 2008.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 122-151.

SANTOS, D. J. da S.; PALOMARES, N. B.; NORMANDO, D.; QUINTÃO, C. C. A. **Raça versus etnia**: diferenciar para melhor aplicar. Magazine Dental Press J Orthod pp.121-124, May-June; 15(3); 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/dpjo/v15n3/15.pdf>, acessado em 21.05.21.

SANTOS, M. **O Espaço do cidadão**. São Paulo: Editora Nobel, 1996.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. 2. ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

[1] Lembrando que o trabalho de campo começa em outubro de 2018.